

Os buscadores do Céu*

The seekers of Heaven

Curt Unkel Nimuendajú

A tempestade bramia por sobre as estepes dos Guaicurus em direção ao leste. Amarrotou os tufo de grama dos campos e depois os jogou nas florestas ribeirinhas do poderoso rio Paraná, cujas árvores timidamente curvaram as suas imensas copas perante a fúria dele e, a cada golpe de vento, como em busca de ajuda, aconchegavam-se uma a outra, para que depois, na pausa seguinte, tornassem a se erguer alto. No chão da floresta, sente-se realmente pouco da violência do temporal. Somente se escuta o bramir e ranger no alto, o ramalhar da chuva e ocasionalmente o estrondo, como o de um trovão, quando um gigante da mata virgem sucumbe na luta contra o mau tempo. Só um rangido e uma crepitação das raízes ao se envergar e quebrar, depois o estrondo retumbante quando o tronco, ao cair e derrubar os galhos das árvores menores, vem abrindo uma larga brecha na densa massa de floresta virgem e, por fim, o baque surdo com o qual o tronco chega ao encontro do chão.

Protegida pelas árvores e perto da margem ocidental do rio Paraná, aproximadamente 10 quilômetros acima da embocadura do rio Amambai, foram levantadas choupanas primitivas e coberturas feitas de varas e folhas de coqueiro, debaixo das quais um amontoado de homens, mulheres e crianças de pele amarela aglomeravam-se procurando proteção do mau tempo. As mulheres guardavam cuidadosamente as cestas repletas de mantimentos num lugar onde ficassem menos expostas às torrentes de chuva que entravam devido à precariedade do teto. Outras se esforçavam em não deixar o fogo apagar ou enxugavam a água da chuva do rosto dos seus pequeninos chorões. Ao lado dos arcos, dos atados de flechas e bordunas, estavam os homens sentados quietos e indiferentes na fogueira deixando o mau tempo passar com calma estóica. Assim chegou a noite, cuja escuridão só foi cortada pelos muitos raios.

Lá onde uma pequena vereda levava do acampamento dos índios ao rio Paraná, estavam em pé quatro figuras: os

* Publicado originalmente no jornal *Deutsche Zeitung*, 05/11/1911. Tradução de Peter Welper. Uma primeira tentativa de sistematização desta história pode ser encontrada nos "Apontamentos sobre os Guarani", no item "Os Guarani no Tibagi 1835-1850" (2013 [1908], neste número).

feiticeiros da horda. A ventania emaranhava seus desgrenhados cabelos negros e brincava com as coloridas borlas de penas dos seus colares, mas, despreocupados com as intempéries, observavam atentos o céu e a correnteza, cujas ondas altas coroadas de espuma chegavam rolando pesadas como as do mar, inundando a praia e depois rebentando nas pedras no alto do barranco. Por prevenção, já tinham puxado em tempo algumas pirogas para cima da ribeira para que não fossem levadas pela correnteza. Outra vez luzia no oeste um raio tão intenso, que, através do véu de chuva, tornou visíveis os contornos das nuvens negras no céu. Dos lábios de um dos feiticeiros, saiu uma breve exclamação de satisfação. Mais uma vez, seu olho passou mirando com atenção por sobre o horizonte e, em seguida, voltou tranquilo e indiferente com os seus três colegas para o acampamento. Todos juntos procuraram ali abrigo numa das choças, tiraram do entrelaçamento de cestas e bolsas as suas matracas [chocalhos] e começaram sentados – já que a altura da cabana não permitia que ficassem em pé – suas canções mágicas. Diligentemente balançavam no ritmo a parte superior do corpo e sacudiam as matracas como uma ameaça em direção ao oeste. Depois um se ajoelhou, aspirou fundo e soprou com toda força na direção de onde vinha o mau tempo. Isto se repetiu ao longo de várias horas com tenaz perseverança. Por volta de meia noite, a tempestade, a chuva diminuiu de repente. As nuvens negras apressadamente seguiram em direção ao leste, onde raios distantes ainda por muito tempo reluziam por sobre o mar florestal. Os magos [feiticeiros] continuaram a sua canção ininterruptamente. Os companheiros da tribo observaram com atenção o procedimento e constataram, com grande satisfação, o êxito evidente da atividade dos seus feiticeiros. Quando amanheceu, e o canto finalmente cessou, a vitalidade reinou no acampamento. A fogueira aumentou, as crianças torraram pipoca nas cinzas, foram distribuídos restos de carne e peixes e todo mundo meteu a mão à vontade na cabaça cheia de farinha. Quando na floresta ressoou o grito rouco do jacu, alguns dos homens logo pegaram nas armas e saíram andando de mansinho para voltar meia hora mais tarde com várias galináceas de rabo comprido, como presas. A correnteza lisa brilhava qual um espelho na luz do sol, enquanto os homens empurraram as pirogas na água, e as mulheres e as crianças carregadas com seus poucos pertences corriam para a praia. Logo os pequenos veículos ficaram cheios e deslizaram com o primeiro grupo sobre as águas do rio em direção à margem oriental.

Para o leste, ao encontro do sol! Isto era a contrassenha e o único desejo desses viajantes de pele amarela. Os feiticeiros e os velhos, que o devem saber, contaram que lá bem longe atrás das florestas, onde sobe a estrela do dia, se estende uma água imensa e infinita. Lá uma ilha sobressai das águas, com árvores permanentemente carregadas com frutas de todos os tipos: jabuticaba, cibiuna, pitanga, jaracatiá. No chão, por entre os tron-

cos, dançam os tangarás e, nos galhos, cantam outros pássaros. Em alguns lugares, o mel fica como uma camada grossa aberta na terra, de modo que não é necessário cortá-lo dos troncos das árvores. Lá também tudo continua como o era no tempo dos antepassados além da grande Água: plantando milho de manhã podiam já à noite comer as espigas verdes. Do fundo da ilha, escutam-se cantos, o ribombo surdo das tacuás e o sibilar das matracas de dança. Ali dançam as almas dos falecidos, que, afastados da miséria e da morte, passam o tempo do seu ser nessa ilha numa alegria eterna. Assim o diz a antiga tradição, e nas cabeças dos filhos da floresta, firmemente convencidos da verdade absoluta dessa lenda, brotou a ideia: será que não haveria nenhum meio para chegar vivo a esse feliz Além? Aqueles poderosos feiticeiros, cujo hálito faz passar o mau-tempo, não encontrariam também caminhos para levar os seus companheiros de tribo àquela terra, a qual eles próprios afirmaram ter visitado no sonho e na magia do êxtase? Assim eles conversaram e ponderaram nas sessões noturnas em volta da fogueira até que a tímida vontade virou saudade e desejo ardente de se tornarem livres de toda miséria que tanta fome e doença levam para dentro da vida do índio, e de toda a perseguição por seus inimigos os Avavai das florestas e dos Guaicuru cavaleiros das estepes. Um dia então, confiantes no poder dos seus feiticeiros, os Guarani partiram das suas sedes no rio Iguabenu [sic]¹ para buscar o céu.

A travessia do rio Paraná durou muitos dias, pois a horda inteira devia contar entre 200 e 300 cabeças, e nas pirogas cabia apenas um número limitado de passageiros, além dos remadores. Além disso, o rio Paraná tem nesse local uma largura de quase três quilômetros, de modo que só podiam ser realizadas poucas viagens por dia. Mas finalmente a horda inteira chegou bem na margem esquerda e então seguiu lentamente no território do atual Estado Paraná subindo o rio Ivaí em direção ao leste. Diante dos famosos pinheiros desta zona os Guarani ficaram muito admirados e acharam que a terra mágica não poderia ficar muito distante deste lugar onde crescem árvores tão estranhas. Isto os fez aguentar pacientemente as privações da migração e quando todos os mantimentos haviam sido consumidos, continuaram confiantes seguindo caminho, cantaram toda noite seus cantos e, devido ao grande número de pessoas, alimentaram-se miseravelmente com o que a floresta oferecia de mel, frutas e caça.

Os retardatários sofreram muito com a perseguição por uma onça que, toda noite, circundava o acampamento deles, esquivando-se habilmente de todas as armadilhas. Só depois de ela ter devorado três pessoas, é que

¹ Trata-se provavelmente de um erro de digitação da edição original. Nimuendajú certamente se referia ao rio Iguatemi [nota da presente edição].

o cacique conseguiu matá-la com uma lança. Nessa altura de sua migração pelo território dos seus inimigos mortais – os Avavai (Kaingang) – os Guarani foram curiosamente poupados de assaltos. Ao contrário de outra horda Guarani que mais ou menos vinte anos mais tarde tomaria o mesmo caminho e seria aniquilada por seus inimigos, na região do Ivaí. Os buscadores do céu, no entanto, chegaram sem problemas no maior afluente esquerdo do rio Ivaí, o rio Corumbataí, em cuja desembocadura ficam as ruínas da lendária Villa Rica, aquela outrora próspera colônia espanhola e missão jesuíta que, em 1636, tinha sido destruída pelos paulistas. Foi aí que os Guarani atravessaram o rio Ivaí e se dirigiram outra vez ao leste. Transpuseram a Serra Apucarana e deixaram o rio Tibagi mais ou menos na região da atual São Jerônimo. Tendo alcançando então, na sua viagem ao leste, à borda das grandes estepes, desviaram um pouco ao norte para não terem de deixar as florestas protetoras, atravessaram o rio Itararé e com isso chegaram ao território do atual Estado de São Paulo. Em 1830, os Guarani apareceram na Comarca de Itapetininga perto das moradas de Paranapitanga e Pescaria, que, naquele tempo, ficavam no extremo limite da região colonizada, e aqui o seu avanço veio a parar.

A população, assustada com o repentino surgimento de uma numerosa horda de índios desconhecidos, pegou nas armas para impeli-los a voltar. E, mesmo tendo sido finalmente reconhecido que eram uma tribo absolutamente pacífica, a postura intimidadora dos brasileiros provocou um susto tão grande nos Guarani que eles desistiram de seguir a leste e voltaram um pouco a oeste para a região da margem esquerda do médio rio Taquari. Aqui moravam como vizinhos dos Guaianá selvagens, uma tribo Kaingang que, até o princípio dos anos quarenta do século passado, apavorou com seus assaltos os habitantes do sertão daquela região, bem como os viajantes na estrada que, passando por Faxina, leva ao sul². No território do atual Estado de São Paulo, na verdade, não parece terem ocorrido choques hostis entre as duas tribos. Mas, em contrapartida, uma aldeia dos Guarani ao lado ocidental do rio Itararé fora destruída, e o resto dos seus habitantes – 28 cabeças – retiraram-se para junto dos seus companheiros de tribo morando mais ao leste. Por causa do seu caráter meigo e pacífico, os Guarani, em geral, foram benquistos pelos habitantes da região. A crescente colonização, porém, os empurrou cada vez mais de volta às áreas de caça mais desfavoráveis, de modo que abandonaram finalmente suas moradas e decidiram voltar mais um pouco em direção ao oeste.

No dia 1º de setembro do ano de 1843, uma delegação da tribo contando nove cabeças compareceu na Fazenda Perituba, que pertencia a João

² A antiga vila de Itapeva da Faxina era um dos pontos de parada da antiga estrada da Mata que ligava o sul do país à cidade de Sorocaba [nota da presente edição].

da Silva Machado, Barão de Antonina, com o desejo expresso de se colocar sob a sua proteção e de procurar o contato com a população brasileira. Eles foram gentilmente recebidos e generosamente presenteados, contudo [ilegível] não se resolveu tão rápido. Diante da comida estranha, os índios mostraram uma insuperável aversão e, destarte, para não entregar os Guarani novamente a sua própria sorte, o Barão dirigiu-se numa carta de 2 de setembro de 1843³ ao então Presidente da Província São Paulo, Coronel Joaquim José Luiz de Souza, pedindo ajuda. Indicou à tribo, como morada provisória, as terras sem dono entre o rio Itararé e o baixo rio Verde e mandou abrir um caminho de 12 léguas a partir da fazenda dele até o rio Verde. Os Guarani então se assentaram lá em duas aldeias, das quais a maior ficava na margem esquerda do rio Verde, e a menor, a uma légua ao oeste desta, na margem direita do rio Itararé. O Governo aprovou o procedimento do Barão, e os índios receberam a citada área como propriedade eterna e inalienável e, com efeito, nas respectivas negociações, teria sido acertado que “mesmo que morresse o último Guarani a terra ainda continuaria pertencer aos cachorros deles”⁴. Em 1845, chegaram então à Fazenda Perituba três capuchinhos incumbidos pelo governo de catequese⁵. Eles se dirigiram à aldeia no rio Verde aonde chegaram no dia 16 de agosto, sendo recebidos alegremente⁶. Cinco dias mais tarde, frei Pacífico de

³ Claramente, Nimuendajú está fazendo referência à participação oficial de que, nessa data, João da Silva Machado, o futuro barão de Antonina, enviou ao governo da província de São Paulo “acerca dos alojamentos de indígenas no município de Itapeva”. Esta participação oficial foi publicada por José Joaquim Machado de Oliveira como anexo de seu texto “Notícia raciocinada sobre as aldeias de índios da Província de S. Paulo, desde o seu começo até a atualidade” publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo VIII, 1846 [2ª edição 1867], p. 204-253. O ofício enviado por João da Silva Machado trata-se na verdade de um pré-projeto por ele elaborado para o aldeamento dos Guarani nas províncias de São Paulo, Paraná e Mato Grosso [nota da presente edição].

⁴ Vale lembrar que neste local indicado por Nimuendajú foi erguido um aldeamento indígena oficial chamado São João Batista do Rio Verde. Este aldeamento foi extinto por volta da primeira década do século 20 em favor da criação do Posto Indígena de Araribá no ano de 1912 [nota da presente edição].

⁵ Os três primeiros capuchinhos que chegaram a São Paulo no ano de 1844 foram frei Pacífico de Montefalco, frei Gaudêncio de Gênova e frei Ponciano de Montaldo [nota da presente edição].

⁶ Claramente, Nimuendajú faz referência ao texto “Resumo do itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itararé, Parapanema e seus afluentes, pelo Paraná, Ivaí, e sertões adjacentes, empreendidas por ordem do Exmo. Sr. Barão de Antonina” escrito por João Henrique Elliott e publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo IX, 1847 [2ª edição de 1869], p. 17-42. Lê-se no texto de Elliott que, no dia 20 de agosto de 1845, “Chegou ao alojamento o Exm. barão acompanhado pelo Sr. Luiz Vergueiro (que vai à testa da expedição) e por três missionários capuchinhos. Os índios prepararam para sua recepção uma casa ornada com ramos, flores silvestres e jarivás, e enfeitando-se com turbantes e lindos penachos, apresentaram muitos pássaros domesticados: mostrando destarte grande prazer pela presença de seus hóspedes, principalmente pela de seu benfeitor, a quem parecem amar em extremo, pois conhecem quanto este grande patriota e útil cidadão tem feito em seu benefício; o qual por um rasgo da mais pronunciada filantropia tem, a expensas suas, feito desterrar a fome de grêmio de suas famílias, e preservado as mesmas dos rigores da nudez. O Exmo. barão, acolhendo-os com

Montefalco ergueu ali uma grande cruz de madeira, onde, em 1847, foi feita uma igreja com o retrato de João Batista que o citado monge construiu com a ajuda tão somente dos Guarani. Isto era a origem da hoje cidade Itaporanga. O lugar então começou a desenvolver-se lentamente. Em 1855, tornou-se paróquia, em 1871, foi promovida à “vila” e, em 1899, trocou o seu antigo nome João Batista do Rio Verde pelo de hoje.

Os Guarani há muito tempo haviam se afastado dos seus planos de buscar a ilha das almas felizes. Uma parte, no entanto, tinha prosseguido com a marcha para o mar, atravessara a serra de Paranapiacaba e chegara, em 1846, na região do Juquiá, onde se assentou na embocadura do rio do Peixe com o rio Itariri⁷. Outros seguiram o caminho ainda mais adiante até a região dos rios Branco e Aguapeú, no município de Conceição de Itanhaém, onde ainda hoje se podem encontrar os descendentes deles na Aldeia do Bananal.

No rio Verde, os índios logo retroagiram. Eles ainda receberam algum afluxo vindo do Mato Grosso, nele também uns grupos da tribo amiga de *Kaioa*, mas a atividade do Frei Pacífico no rio Verde era, infelizmente, só de pouca duração. Irromperam brigas e causaram a emigração de várias hordas para o Sertão de Bauru e para o rio das Cinzas, e por fim os Guarani também, na sua própria terra, foram mais e mais pressionados e incomodados pelos colonos. Caciques sem escrúpulos chegaram a arrendar as terras por uma remuneração ínfima a não indígenas que, uma vez assentados, evidentemente não podiam mais ser retirados, e as queixas de líderes sensatos junto ao governo do Estado foram inúteis⁸. Uma epidemia de varíola fez então a parte dela para reduzir e dispersar os Guarani, e assim ocorreu que no ano passado estivessem nas terras indígenas, ao lado de umas poucas famílias indígenas, quase 2000 invasores não indígenas. Certamente esse resto derradeiro dos Guarani em curto prazo teria preferido a emigração à proximidade demasiada da vizinhança brasileira, se a repentina instalação do Serviço de Proteção aos Índios pelo Ministro de Agricultura, Rodolfo de Miranda, não tivesse dado um ponto final nas vergonhosas atividades no rio Verde. Através de suficiente emprego militar, os invasores foram obrigados a desocupar a região indígena,

afago, repartiu entre eles aguardente, fumo, rapadura, sal, roupas, missangas, etc.” [nota da presente edição].

⁷ N’*As lendas da criação e destruição do mundo*, Nimuendajú traz dados um pouco mais exatos sobre a instalação do aldeamento do Itariri. Se o aldeamento instalado na barra do rio do Peixe e Itariri só será oficializado no início da década de 1840, é possível encontrar informações a respeito da presença guarani na região do Vale do Ribeira a partir da década de 1830. Ver por exemplo a compilação de documentos do Arquivo Público do Estado de São Paulo feita por Canabrava, “Documentos sobre os índios do rio Juquiá”, *Revista do Museu Paulista*, s/n, v. 3, São Paulo, 1949, p. 391-404 [nota da presente edição].

⁸ Nimuendajú faz referências a esses conflitos no item “Os Guarani no Avari 1901-1906” dos “Apontamentos sobre os Guarani” (2013 [1908], *neste número*) [nota da presente edição].

e assim, apesar de todos os protestos e ameaças, os restos dispersados dos Guarani foram então novamente reunidos, e lá assentados sob a direção do Governo Federal⁹.

Recebido em 26 de fevereiro de 2013

Aprovado para publicação em 28 de março de 2013

⁹ Se nos lembrarmos corretamente já tinham sido tomadas providências quanto aos índios no rio Verde antes de que o *rondonismo* virasse moda. O senhor Mata Cardim, que hoje, aliás, está a serviço da instituição indígena, já se interessava anteriormente pelos Guarani de lá, e o juiz do município que mandava proferir as sentenças favoráveis à propriedade indígena, num relatório do Governo do Estado reproduzido no *Deutsche Zeitung* tinha apontado a necessidade de tomar medidas. A expulsão dos invasores neobrasileiros foi efetuada por tropas policiais do Estado de S. Paulo [nota do autor].

